

reportagem cultural

Profissão: repórter (policial)

Daniel Rodrigues*

“Futura professorinha pega no fuzil pra resgatar detento”. “Família do sequestrado faz procissão para pagar promessa”. “Assaltante dormia com uma bomba no túmulo”. Essas são apenas três das manchetes sensacionalistas de jornais dos anos 1970 e 1980 com notícias policiais, que denotam o quanto este segmento do jornalismo era carregado de preconceitos de toda ordem e por uma visão ainda influenciada pela naturalização da truculência herdada da Ditadura Militar. Tudo o que o estudante de Jornalismo Renato Dornelles queria distância. “Eu cresci vendo jornais assim e ficava sabendo do comportamento inadequado de alguns jornalistas do segmento. Então, tinha certo preconceito com a editoria de Polícia”, admite.

Porém, como ocorre em vários momentos da trajetória de Renato, o acaso – quiçá, por força das divindades – vem para agir e redefinir os caminhos. Coincidiu com sua entrada no mercado de trabalho a redemocratização do País e uma tomada de consciência dos Direitos Humanos por parte da imprensa, o que passa a influenciar, justamente, a abordagem dos casos policiais nas redações. “Quando comecei a trabalhar, conheci repórteres comprometidos como Mário Rota, João Carlos Rodrigues e Luis Milman, que faziam, naquele momento, a transição do jornalismo policial sensacionalista para uma abordagem que buscava entender também o lado social dessa questão”, lembra Renato. “Eu fiz parte dessa transição”, orgulha-se.

Três fatídicos episódios marcaram aquele início de carreira jornalística de Renato – e a história da cidade de Porto Alegre. O primeiro é o intitulado Caso do Homem Errado. Da redação de Zero Hora, Renato pôde acompanhar o fato ocorrido em maio



Como jornalista, Renato Dornelles é referência nacional em temas como sistema prisional e segurança pública

de 1987, na Zona Leste da cidade, quando, após um assalto a um supermercado, a Brigada Militar prendeu equivocadamente o operário Júlio Cesar Pinto, levando-o na viatura e, posteriormente, executando-o. O crime da polícia e os desdobramentos judiciais, que viraram filme em 2017 pelas mãos da cineasta Camila de Moraes (*O Caso do Homem Errado*), foram amplamente registrados pela imprensa à época, mobilizando sociedade, grupos de direitos civis e comunidade negra, marcando profundamente a criminologia no Estado.

Renato, contudo, entraria de cabeça em dois outros eventos emblemáticos da história social de Porto Alegre naquele efervescente período. Um deles, ocorrido na fria noite de 4 de junho de 1988, foi o assassinato do jor-

nalista e deputado José Antônio Daudt. Ao chegar em casa, no bairro Moinhos de Vento, Daudt foi surpreendido e baleado com dois tiros. Levado ao Hospital de Pronto Socorro, morreu na madrugada, horas depois. Renato, de plantão na redação de Zero Hora, era o único repórter da imprensa gaúcha presente. Na manhã do dia 5, um sábado, o jornal era o primeiro a noticiar o crime, que teria grande repercussão até 1990, quando Antônio Carlos Dexheimer, principal suspeito do homicídio, foi ao banco dos réus e absolvido por falta de provas.

Outro incidente marcante na carreira do iniciante repórter policial se deu um ano antes da morte de Daudt: o motim no Presídio Central. Durante a cobertura, Renato entrevistava os amotinados à distância, do muro da penitenciária, até que um deles gritou da janela que uma importante quadrilha estava se formando. Mesmo com a relutância das autoridades sobre o assunto, Renato foi investigar e descobriu que aquele era o embrião da Falange Gaúcha, facção criminosa que reunia assaltantes e traficantes aos moldes da Falange Vermelha, do Rio de Janeiro. Nascia ali o cerne da pesquisa de Renato, a qual lhe renderia vários desdobramentos a partir de então. Para alguém que não queria fazer jornalismo policial, pode-se dizer que era o acaso lhe socorrendo mais uma vez.



Renato Dornelles, no canto direito, como repórter no badalado Caso Daudt

Punho cerrado

Durante a sessão de fotos para esta matéria, na Sociedade Floresta Aurora, perguntado se haveria problema em fazer o gesto antirracista com o punho cerrado para cima, Renato Dornelles não concordou como o fez. Afinal, ele sabe muito bem de sua posição de homem preto em uma sociedade ainda em processo de descolonização e de valorização da herança afro-brasileira.

A satisfação com que percorre os espaços do Floresta Aurora e com que mostra as fotos históricas de quando João Cândido e Leonel Brizola visitaram a antiga sede do clube é visível. Bem como de quando lembra da reunião, ocorrida em 2022, para a celebração dos 150 anos daquela que é entidade negra mais antiga do Brasil. “Digo que a Sociedade Floresta Aurora é ‘mais antiga que a liberdade’, pois sua fundação é de 1872, 16 anos antes

Falange vermelha, amarela e verde

Nos anos 1990, enquanto trabalhava em Zero Hora, a pesquisa de Renato Dornelles sobre facções criminosas prosseguia. E não aquelas com traços cariocas, mas, sim, forjadas nas cores da bandeira do Rio Grande do Sul. Foi nesta época que se envolveu na cobertura de outro caso policial memorável em Porto Alegre: a cinematográfica fuga do presídio do bandido Dilonei Francisco Melara, personagem que Renato não sabia que seria novamente fundamental para sua trajetória anos mais tarde. Os bons imprevistos. Foi neste momento também que conheceu Tatiana Sager, então repórter fotográfica do jornal Correio do Povo.

Com o projeto do livro *Falange Gaúcha* na gaveta por quase 10 anos, em 2003, Renato decidiu mostrar o esboço original para os diretores de redação de Zero Hora da época, Cyro Martins e Marcelo Rech. Ambos gostaram, mas, assim como o próprio autor, identificaram que faltava um

fechamento. Só dois anos depois a resposta veio: a morte de Melara. Mais uma vez, o acaso (ou a sorte), trouxe o que Renato precisava e ele pode, enfim, finalizar a obra como esta merecia.

As editoras de livros, contudo, ainda não confiavam no valor comercial da obra. Assim, passaram-se mais dois anos até que o amigo e colega David Coimbra (1962-2002) o aconselhou a divulgar os textos em forma de série. Com o apoio de Alexandre Bach, então editor-chefe do Diário Gaúcho, duas páginas de matéria com o resumo do livro foram publicadas durante 10 finais de semanas. Resultado: o que foi tido como pouco vendável por alguns editores acabou por ganhar 10 prêmios pela reportagem, dentre eles, o reconhecimento da ARI – além do interesse do mercado editorial. Por fim, *Falange Gaúcha* saiu pela RBS Publicações em 2008, 21 anos depois de Renato, com a tenacidade de Xangô, ter apostado no próprio projeto.